

## modernas com gestão atrasada

**José Genoino** — Eu acho que a relação política do governo com o Congresso é hoje uma relação muito deteriorada. Estão deterioradas a um nível que nunca vi antes. Eu sou deputado desde 83 e as relações políticas estremeceram demais. Quando você começa a recorrer ao Poder Judiciário é porque as relações internas romperam-se, aquele pacto civilizatório de entendimento rompeu-se. Eu já disse ao Fernando Henrique Cardoso. Quando você conversa com ele é uma coisa. Quando você sai do Palácio do Planalto e conversa no Congresso com seus líderes, parece que você está em outro país, em outro governo. É uma coisa totalmente diferente. (...) Os líderes do governo são fracos e o presidente da Câmara (*Luiz Eduardo Magalhães*) que é o mais articulado, quando entra na negociação corre o risco de desempenhar dois papéis, o que não é bom para o processo. Não é saudável para a instituição.

**Dionísio Dias Carneiro** — Acho que é, por isso, que a demanda pelo presidente da República é muito grande. (...) Mas quando ele se expõe, o risco é institucional. Perder e ganhar passa a ser um risco de vida ou morte. (...)

**José Genoino** — Outro problema é que quando o governo fala em modernidade, é na parte das reformas constitucionais; quando se trata do gerenciamento da máquina estatal, não tem inovações. Está aí o problema geral da saúde. O gerenciamento geral da saúde não teve grandes inovações, e você deu o imposto para resolver o problema separado da reforma tributária.

**Dionísio Dias Carneiro** — Um imposto que piora...

**José Genoino** — O gerenciamento da educação. O Paulo Renato fazendo um aparato para fazer o gerenciamento... E tais.

**José Márcio Camargo** — A mesma coisa.

**José Genoino** — O Comunidade Solidária, que não fez nenhuma renovação em matéria de política social, está amarrado. E muitos prefeitos estão fazendo clientelismo local com o Comunidade Solidária. Então, você tem uma banda moderna do governo quando fala em reforma constitucional; e tem uma banda arcaica quando é para tocar o dia-a-dia do governo. Isso a gente nota. A votação do Orçamento da União, eu acompanhei isso lá, não representou esta mudança de mentalidade. Só que não teve aquela esculhambação que havia no Congresso. Realmente para isso a CPI serviu. Não teve aquele negócio de emendas, de *lobbies* lá, aquela Sodoma e Gomorra que tinha na época dos anos.

**Dionísio** — E a solução não é chegar e dizer: então, tem que reformar todo o sistema tributário. Se você simplesmente anuncia isso e não tem uma proposta concreta para negociar em cima da mesa, vai ter um efeito paralisante sobre os investimentos.

**José Genoino** — A mesma coisa eles fizeram com a Previdência. Eles fizeram um alarde, jogaram uma bomba, geraram uma expectativa tal, que muita gente correu para se aposentar.

**Dionísio** — O efeito negativo foi imediato.

**José Márcio** — E isso tudo aconteceu porque a reforma não passou. (risos)

**Dionísio** — Se acontecer vai ser outra vitória.

**Antônio Salazar** — Nesse clima de reforma, a gente está falando da reforma da Previdência, das grandes reformas, mas acho que uma coisa que não está acontecendo e poderia melhorar essa coisa toda, é o processo de discussão do Orçamento da União. De forma mais clara, metas, que a gente pudesse entender sem precisar ser especialista. O Orçamento continua sendo uma grande caixa preta.

**Dionísio** — Exato. Você fica discutindo se o déficit este ano vai ser mais 2%, menos 2%, quando na realidade este não é um ponto relevante. O que você quer saber é se está gerando um sistema de instituições, de leis, de procedimentos compatível com um equilíbrio orçamentário visível. Será que eu posso fazer um Orçamento mais moderno para daqui a dois ou três anos. Repensar o Estado. Agora, se eu disser que quero fazer isso este ano, eu sou um idiota. Eu vou é tumultuar o processo orçamentário. Não consigo nem aprovar o Orçamento, quanto mais discutir o Orçamento baseado para o ano que vem. Acabou, põe um prazo. Dois, três anos. Então, vai discutir a reforma do Estado em cima de um novo Orçamento da União, em que você consegue tomar procedimentos junto com prioridades. Essa é a agenda do futuro.

**Na página 2, o debate  
sobre o Banco Central**